



ENTRE RESISTÊNCIA, RESILIÊNCIA E MAL-ESTAR DOCENTE: O TRABALHO DO BIÓLOGO

Karine de Assis Oliveira Soares¹
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas²

Resumo

Esta pesquisa tem como tema o mal-estar docente, foi realizada com professores de Biologia, do Ensino Médio, da rede estadual de ensino de uma cidade do interior de Goiás. O objetivo foi compreender como os professores desta disciplina têm (res)significado a atividade docente diante das condições de mal-estar, no sentido da resistência, no contexto da criação de projetos como o Escola sem Partido e o mito da ideologia de gênero. Além de verificarmos se o referido mal-estar pode desencadear o niilismo, perda de sentido da profissão docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados encontrados mostraram que fatores como a carga horária excessiva de trabalho, as pressões das avaliações externas e as determinações dos governos colaboram para o esvaziamento do sentido da docência. Os mecanismos de (res)significação da profissão apresentaram aspectos de fragilidade, adoecimento. Não foram identificados mecanismos de resistência, no sentido do enfrentamento da realidade, mas sim de resiliência para aceitação da realidade e adequação a ela.

Palavras-chave – Mal-estar; Niilismo; Ensino Médio; Biologia.

INTRODUÇÃO

Diante de crises econômicas, sociais e políticas, no âmbito educacional, é fundamental refletirmos sobre o mal-estar docente e pensarmos em condições reais de bem-estar. O sistema-mundo capitalista tornou os espaços escolares em lugares hostis e competitivos. Na lógica do produtivismo, as condições de trabalho e do mal-estar dos professores, estão em jogo com as atuais políticas educacionais implementadas sem levar em consideração as especificidades reais da escola e do exercício docente. O trabalho dos professores vem sofrendo mudanças, outras responsabilidades foram atribuídas, como exigência de eficiência

¹ Mestrado em Educação para Ciência e Matemática/Licenciada em Filosofia/professora educação básica pela rede estadual do Mato Grosso. Pesquisa sobre (trabalho docente e mal-estar docente).assis.karine@gmail.com

² Doutorado em Educação/professora do curso de mestrado profissional em educação para Ciências e Matemática, pelo Instituto Federal de Goiás, Câmpus Jataí. Pesquisa sobre (gênero, ensino e aprendizagem, educação ambiental).flomarchagas@gmail.com



dos resultados, produtividade e alto índice de aprovação. Tanto a aprovação quanto a reprovação visam a atender os interesses da classe dominante. Neste contexto, professoras e professores se veem numa teia de trabalhos e responsabilidades intermináveis, como a cobrança por um comportamento que desvincula a pessoa do profissional, a pressão social que desestabiliza movimentos de articulação e mobilizações políticas para a reivindicação de melhorias na educação e, sobretudo, a exigência comportamental alinhada ao conservadorismo das camadas mais tradicionais. Os ideais do movimento Escola sem Partido (EsP) perpetraram os discursos conservadores que solicitam o ensino neutro, sem demarcações ideológicas e sem “doutrinação”. A partir desse movimento, vários projetos chegaram às câmaras municipais e estaduais, às assembleias legislativas e ao congresso nacional, na tentativa de implementar e universalizar esses valores. “O tema mal-estar na docência vincula-se aos momentos históricos, políticos e vivências mais íntimas das pessoas enquanto discentes/docentes, pois representam a repercussão de dificuldades encontradas na escola”. (STOBÄUS; MOSQUEIRA; SANTOS, 2007, p. 261).

Só é possível combater o mal-estar docente se falarmos sobre ele, se o encarmos de frente, a reflexão e o debate nos espaços públicos e acadêmicos são fundamentais. Não se pode pensar o mal-estar como uma condição inerente à profissão, preconceito muito comum nos discursos dos estudantes, dos pais e até dos próprios professores. É preciso resistir, expor, dialogar, para que se possa enfrentar e (res)significar o exercício docente. A realidade dos professores não é permanente, ela está assim. E na condição de ‘estar’ é que poderemos resistir.

O conceito de mal-estar, relaciona-se ao conceito de niilismo, isto é, a perda de autoridade reguladora da vida, presente na filosofia de Friedrich Nietzsche, “o niilismo é um termo que ganha sentido relativamente na reflexão axiomática de Nietzsche. Designa a desvalorização dos valores, ou seja, sua perda de autoridade reguladora” (WOTLING, 2011, p. 49).

O mal-estar causa incômodo, indisposição, angústia e autodepreciação, podendo levar ao adoecimento, influencia o estado de angústia e o aniquilamento do exercício da profissão docente. Na definição de Esteve (1999a), o mal-estar docente é entendido como um estado de crise da profissão desencadeado pela precariedade dos recursos materiais, pela violência e



pela acumulação de exigências. Para Nóvoa (1999), essa condição reflete a desvalorização social e profissional da classe e a pobreza das políticas educacionais.

As várias reformas educacionais brasileiras que ocorrerem a partir dos anos 1990 defendiam, e ainda defendem, valores mercadológicos do ensino. O ensino passa a ser massificado, mas o sistema continua sendo de elite (ESTEVE, 1999a). Imperam os valores escolares voltados para o conteudismo, a memorização, o sistema avaliativo quantitativo e a meritocracia. Nessa conjuntura, o trabalho docente é ainda mais desvalorizado e desumanizado.

Nesta pesquisa, a defesa é pelos valores educacionais numa perspectiva progressista em favor da autonomia do ser dos professores e dos estudantes. Conforme Freire (2018), formar indivíduos não é treinar e decorar conteúdos, mas compreender que é somente na relação entre o eu e o outro que aprendemos.

Diante desta realidade, buscou responder a questão-problema: como os professores de Biologia do Ensino Médio têm (res)significado a docência diante das condições de mal-estar, no sentido da resistência? Essa pergunta desdobra-se em outras como: Os professores resistem às condições e às determinações que lhes são impostas? Como os professores reagem às investidas conservadoras do movimento Escola sem Partido? Como são construídos os espaços para resistência? Essas questões são fundamentais para pensarmos os modos de lidar com o mal-estar docente, que não é uma condição fixa e que exige de nós um posicionamento. O objetivo geral da pesquisa foi compreender de que modo os professores de Biologia da rede estadual de uma cidade do interior de Goiás têm (res)significado o exercício do seu trabalho diante das condições de mal-estar docente.

METODOLOGIA / PERCURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

A metodologia constituiu na seleção de referencial teórico que embasasse cientificamente à pesquisa; elaboração do roteiro das entrevistas; coleta de dados mediante parecer de aprovação do Comitê de Ética, armazenamento e transcrição dos áudios das entrevistas; análise e interpretação dos dados coletados e redação do relatório de pesquisa apresentado. A análise foi estruturada em quatro categorias: formação e profissão dos



professores de Biologia; adoecimento da vontade de ensinar; docência e resistência e ensino de Biologia na mira do conservadorismo.

Este é um recorte de uma pesquisa em nível de mestrado, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Nesse tipo de pesquisa, “os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto” (TRIVIÑOS, 1987, p. 129). Os estudos de caso, conforme Lüdke e André (1986), são bem delimitados constituindo-se como único dentro de uma totalidade levando em consideração o contexto em que está inserido. Pelo caráter subjetivo do fenômeno mal-estar docente e niilismo, o método escolhido foi a fenomenologia que, de acordo com Triviños (1987, p. 47), “exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência”.

Os docentes participantes desta pesquisa são docentes atuantes no Ensino Médio da rede estadual de um município do interior de Goiás, licenciados em Ciências Biológicas, tinham, em 2020, entre 26 e 44 anos, 33% deles trabalhavam com contrato temporário. Utilizou-se a entrevista semiestruturada. A escolha pelo Ensino Médio foi pelo currículo de Biologia, conter conteúdos sobre gênero, que entra em conflito com os ideais do movimento EsP. Foi realizado um levantamento para saber o número de escolas que ofereciam o Ensino Médio na cidade. Em seguida, iniciou-se a visita em cada escola para saber quantos docentes eram graduados/licenciados em Biologia e quantos deles atuavam no Ensino Médio. O próximo passo foi contatar os professores. Todos eles receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Destacam-se algumas dificuldades para a realização das entrevistas, como por exemplo, professor que se encontrava de licença médica; a falta de horário para conceder entrevista devido à alta carga horária dos professores que ministravam aulas nos três turnos, além de outros que disseram não querer participar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É inegável que a educação possui potência transformadora, porém, o sistema educacional, passa por uma crise de valores intensa ante o gerencialismo que mescla interesses empresariais e a exigência de conteudismo para a formação de jovens para o mercado de trabalho, e não para o mundo do trabalho.



Diante desta realidade, os sujeitos da pesquisa relataram inúmeros desafios e entraves encontrados no trabalho que lhes retiravam o sentido de ensinar, entre eles citaram: a ênfase nas provas externas, a transferência de responsabilidades da família para os docentes, a nomenclatura biológica e a falta de recursos materiais adequados para a execução das aulas. A carga horária exaustiva de trabalho. A falta do tempo está relacionada com as condições de trabalho no contexto do neoliberalismo. A baixa remuneração precariza, esgota e consome o tempo, retrata o esvaziamento do sentido e da vontade de ensinar.

Eles vivenciavam conflitos de forças entre valores formativos e determinações dos governos sobre o trabalho docente. Ensinar conforme o modelo educacional gerenciado por grandes empresas – com interesses privados – expõe os docentes a situações angustiantes. A falta de estrutura e de recursos adequados para o exercício docente é vista por Esteve (1999a, p. 47) como um dos fatores que geram mal-estar aos professores.

Mediante um sistema doente, como manter saudável a vontade de ensinar? Assim, verificou-se a atitude diante dessa realidade é a de combate ou a de passividade. Para Deleuze (1976), o niilismo pode se apresentar de duas formas: ativa e passiva. Numa guerra de forças, as formas de reação ao aniquilamento irão evidenciar se há embate de forças (ativa) ou se há conformação e sujeitamento (passiva).

As lutas e as resistências da classe trabalhadora se fazem fundamentais diante da ostensiva exploração característica do mundo capitalista. A sindicalização docente está intrinsecamente ligada à identidade, à profissionalização e à formação política. Souza, Magalhães e Guimarães (2009, p. 6) analisaram as produções acadêmicas do Centro-Oeste e destacaram a pouca importância atribuída ao tema da sindicalização dos professores. Os movimentos sociais sindicais são fundamentais para articulação e organização coletiva dos trabalhadores, bem como para construção das identidades dos profissionais – são eles, os movimentos, o palco da resistência coletiva. Percebe-se, portanto, atitudes de conformismo, resiliência perante a realidade investigada.

O termo resiliência é muito usado nos discursos e nos documentos que orientam o trabalho docente. Todavia, resiliência e resistência não se equivalem nos significados. A resiliência é entendida como um modo de se adaptar à realidade e enfrentar desafios diários.



A resistência, por sua vez, envolve rebelar-se, opor-se à realidade, fazendo escolhas que visem à reivindicação de direitos. A resiliência não é contestatória, ela sujeita aos indivíduos a suportarem o sofrimento.

A atitude dos sujeitos da pesquisa mais se aproxima da resiliência do que da resistência. O niilismo passivo revela a vontade de nada; nele não há forças nem mesmo para colocar fim ao próprio sofrimento, tudo foi aniquilado. O tempo e a vontade de se vincularem a organizações coletivas, para o fortalecimento da potência de resistência, foram aniquilados, gerando a docência solitária.

No campo educacional, a maior expressão do ultraconservadorismo brasileiro está expressa no movimento EsP e na Base Nacional Comum Curricular/BNCC. Conforme Piccinini e Andrade (2018), a BNCC representa interesses e ideais político burgueses que objetivam efetivar um padrão pedagógico hegemônico alinhado aos interesses econômicos que representam uma ofensiva liberal-conservadora. Estabelecer restrições aos conteúdos e ao que se pode falar em sala de aula é ferir o direito da liberdade de ensinar e de cátedra.

Os princípios morais conservadores e de cunho religioso contidos no movimento EsP colaboram para a retirada do sentido do ensino de Biologia e da liberdade de ensinar dos professores. São valores engendrados a partir de forças reativas, ou seja, como reação ressentida ao ensino multicultural que busca formar jovens conscientes da diversidade cultural e sexual. Exigências como essas insistem em querer que a potência dos professores se manifeste como franqueza e vulnerabilidade, diante do risco de punições e de censura dos governos e da sociedade. Por isso, faz-se necessária e urgente a luta pela democracia e pela educação laica que respeite a liberdade do credo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de março de 2020 como medida de prevenção à Covid-19, o trabalho dos professores sofreu sérias modificações. Assim, as formas de precarização do trabalho foram atualizadas. Entre tantas demandas, aulas online; gravação de videoaulas; produção de materiais pedagógicos diversos e alimentação de diferentes plataformas. Ao mesmo tempo, a



degradação da imagem dos discentes também se intensificou, visto que parte da sociedade acredita que eles não estavam trabalhando.

Assim, ao retomar o objetivo de pesquisa, que foi compreender de que modo os professores de Biologia atuantes no Ensino Médio têm (res)significado a docência, no sentido da resistência, constatou-se que não há resistência, mas sim, adequação, conformismo e aceitação. Esse é um sintoma de niilismo passivo – quando os sujeitos esperam que algo aconteça, não se pode culpá-los, pois são vários os fatores externos que colocam os discentes nessa situação.

Para os professores temporários, a instabilidade empregatícia e perseguições se justificam, o mal-estar docente gera sentimento de incapacidade de ações coletivas, enquanto os efetivos justificam não e identificarem com outra profissão. Para Esteve (1999b), esta situação de mal-estar docente se desenvolve paralelamente à degradação social da imagem dos professores e em consonância com políticas educacionais que aniquilam os valores de uma educação gratuita, laica, de qualidade e para todos.

Essas situações conflituosas, em que proponentes do movimento EsP objetivam amordaçar os docentes, impondo-lhes punições pela recusa à neutralidade, ligadas à precarização do trabalho e à transferência de responsabilidades da família para a escola, trazem aos professores crises existenciais e de identidade. Abdicar dos valores formativos e educativos é esvaziar o sentido de ser professor. É diante dessas situações que urge pensar numa resistência coletiva. Por meio da resistência, os professores poderão demarcar e ocupar suas existências e identidades. A resistência é a reivindicação da liberdade e só é possível por um processo de tomada de consciência dos lugares e dos papéis que os sujeitos ocupam no mundo. Como poetizou Melo Neto (2021), “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. [...]”, assim a resistência não é solitária, ela necessita dos pares e da união das forças ativas para a recuperação e a reafirmação da potência dos professores.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.



ESTEVE, José Manoel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999a.

ESTEVE, José Manoel. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão professor**. Porto, PT: Porto Editora, 1999b. p. 93-124.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a Manhã. In: **Jornal de Poesia**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/joao02.html>. Acesso em: 2 set.2021.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão professor**. Porto, PT: Porto Editora, 1999. p. 13-34.

PICCININI, Cláudia Lino; ANDRADE, Maria Carolina Pires de. O ensino de Ciências da Natureza nas versões da Base Nacional Comum Curricular, mudanças, disputas e ofensiva liberal-conservadora. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 34-50, dez. 2018. Disponível em: <http://sbenbio.journals.com.br/index.php/sbenbio/article/view/124>. Acesso em: 21 out. 2020.

SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; GUIMARÃES, Valter Soares. A formação, profissionalização e sindicalização de professores: um olhar a partir da produção acadêmica da região Centro-Oeste. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 24., Vitória, ES, 2009. **Anais [...]**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo/ANPAE, 2009. p. 1-11.

STOBÄUS, Claus D.; MOSQUEIRA, Juan José M.; SANTOS, Betinna Steren. Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. especial, p. 259-272, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. A pesquisa qualitativa em Educação. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-175.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Friedrich Nietzsche**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.